

MICROSCÓPIO

Faz-me um leitor várias perguntas a propósito de liberdade econômica e democracia. Ei-las. Não serão os especuladores um permanente descrédito para as democracias? Não será um grande argumento para os fascistas a afirmação que os regimes democráticos sacrificam o interesse coletivo aos interesses particulares? Não deve a sociedade ser defendida contra os especuladores, restringindo-se a liberdade econômica? Termina o missivista pedindo, lhe diga se pode continuar a ser democrata, querendo restrição para uma das liberdades.

• Começarei pelo fim. Todas as liberdades são forçosamente relativas. Não existe, nem pode existir liberdade absoluta. Termina a liberdade de cada um, onde começa o direito dos outros. A liberdade de expressão, que é fundamental numa democracia, não autoriza a calúnia, a injúria ou a incitação ao crime. A liberdade de locomoção não vai a ponto de atravancar o caminho do próximo e, por isto, se regula o tráfego. Portanto, a liberdade econômica também pode sofrer restrições no regime democrático: só deve ir até onde não prejudique o direito de todos a uma existência normal e decente. É justamente numa democracia, os Estados Unidos, que se encontram as leis mais severas contra os monopólios, degenerados frutos da liberdade econômica. É ainda nas verdadeiras democracias que os especuladores podem ser mais facilmente combatidos, porque ali está sempre atenta e vigilante a crítica. Nos regimes autoritários, se não pode medrar a pequena especulação, em compensação, viceja a especulação em larga escala, como demonstra a observação mais simples. Portanto, se os especuladores são um permanente descrédito para as democracias, ainda mais o seriam para as várias modalidades de fascismo, se a verdade se pudesse contar.

Outra balela com que se aturdem os espíritos ingênuos é sacrificarem os regimes democráticos o interesse coletivo aos interesses particulares. Em verdade, o fascismo faz praça de subordinar o indivíduo à coletividade: tanto o subordina, que o escraviza. Mas, que é realmente a coletividade no regime fascista? O Estado todo-poderoso. E que é o Estado? Meia dúzia de indivíduos, estreitamente vinculados por interesses vitais e muitas vezes inconfessáveis, que pela força se mantêm no poder, que se julgam ou se dizem a incarnação da coletividade e não admitem outra representação dela.

Para terminar, devo dizer ao meu missivista não ser perfeitamente exato que me não tenha eu nunca referido a assuntos econômicos em meus comentários. Releia-os com atenção, que ali os encontrará uma ou outra vez. Certo, não faço dissertações, já porque as não comporta a índole destes artiguetes, já porque não sou economista e certos assuntos devem deixar-se à gravidade dos especialistas.

RAUL PILLA

4-5-944